





Matilde

e as Horas  
Roubadas



Patrícia Furtado

Matilde

e as Horas  
Roubadas





*Para o Pedro,  
o meu amor,  
pai do Artur,  
e também,  
de certo modo,  
pai da Matilde*





# 1

A vista do topo da única oliveira existente nas Florestas do Norte era **deslumbrante**. No ramo mais alto da árvore centenária havia um enorme e confortável cadeirão de baloiço, e, como sempre fizera, a Matilde aninhou-se lá com a avó Úrsula para assistir ao **pôr do Sol** mais **importante** do ano. Desde que tinha chegado a Vila Velha de Oliveira para o Festival do Solstício, ainda não tinha largado a avó materna, tantas eram as saudades que tinha dela e da sua casa mágica.

— Avó, esta casa existe desde quando? —  
perguntou, sem desviar os olhos do horizonte.

— A árvore foi plantada pelos meus bisavós **Josefina** e **Mariano**, quando aqui chegaram vindos do Sul. Eram os pais da minha avó Olívia, já te contei algumas histórias sobre ela.

— Contaste a história do urso! — exclamou a pequena, entusiasmada. — Então isso faz da Josefina e do Mariano os meus...

— Tetravós.

— **Uau!** Mas não foram eles que construíram a casa à volta da árvore, pois não?

— Foram, sim, por incrível que pareça. — E a avó começou a contar: — Assim que a avó Josefina plantou a oliveira que tinha trazido com eles na longa viagem, deu-se um **encantamento** e a árvore cresceu até ter espaço suficiente para que pudessem dormir dentro do seu tronco.

— De um momento para o outro?

— Mal as suas raízes tocaram no solo, como se adivinhasse que precisavam de abrigo! O avô Mariano, que era muito habilidoso, começou então a aumentar a casa com madeira apanhada no bosque. Fez um quarto para o bebé, uma cozinha, uma pequena sala de estar e ainda uma oficina para terem onde trabalhar. Os ramos da oliveira pareciam crescer à medida do necessário para suportar a casa e, tantos anos depois, ela ainda está aqui, tão **sólida** como sempre.

— 'Vó Ursula, sabes... tinha tantas saudades de estar aqui contigo, a ouvir as tuas histórias! — confessou a Matilde, abraçando a avó. O furação aninhou-se entre as duas e o seu pelo ficou de um cor de laranja muito feliz. — E o Fred também!

— Matilde, não gostas de Torres Altas? — perguntou a avó.

— Gosto, gosto muito. Gosto da escola, dos meus amigos, e gosto muito de morar com a tia Miranda. Mas sabe bem vir aqui uns dias. A cidade é...  
**barulhenta.**

— Tens dormido bem?

— Mais ou menos... — hesitou a Matilde.

— **Pesadelos?**

— Acho que não. Pelo menos, não me lembro.

Mas às vezes fico tão agitada que me custa adormecer.

— A avó Josefina tinha muitos pesadelos, em Torres Altas. Foi por isso que procuraram outro sítio para viver e acabaram por ficar aqui — explicou a avó.

Depois calou-se e ficou pensativa. Embrulhadas em mantas quentinhas, avó e neta ficaram em silêncio por uns minutos, a ver o pôr do Sol. A floresta estendia-se por quilómetros e era inundada por uma luz cor-de-rosa refletida na neve que cobria os picos das árvores.



Aquela clareira era o único sítio onde não nevava, como se a oliveira tivesse trazido consigo um pouco do clima do Sul.

— Mais um **solstício** — comentou a avó com um suspiro. — Matilde, estás a ficar tão crescida! Espero que continues a querer vir passar este dia comigo.

— **Sempre.** É a nossa tradição.

Quando o Sol se pôs, apressaram-se a descer. Em **Vila Velha de Oliveira**, uns quilómetros abaixo, toda a gente estava atarefada a preparar o festival das luzes. Ali não se celebrava o Natal, mas, na noite de 22 de dezembro, festejava-se o **solstício de inverno** com um festival que incluía fogueiras e luzes por todo o lado, muita comida e bebida, e troca de livros e pequenos presentes feitos à mão.

As duas bruxas, avó e neta, pegaram nas suas vassouras e voaram calmamente montanha abaixo, acompanhando o curso do riacho, para se juntarem ao resto da família.

— Ainda bem que chegaram! — exclamou Simone, a mãe da Matilde, esticando os braços para as acolher. — Alguém tem de se ocupar dos **sonharocos!**

— Já vamos tratar dos fritos, Simone — retorquiu Álvaro, o pai. — Agora quero estar um bocadinho com a nossa filha, que assim que chega de férias se pisga para casa da avó e não nos liga nenhuma.

— Não seas ciumento, pai! Há tempo para todos!

A verdade é que o tempo parecia passar mais **lentamente** ali, na floresta. Depois de todas as aventuras vividas na escola com os novos amigos, o resto do primeiro período tinha passado **a correr**. Aqueles sujeitos de mau caráter vindos do Poço Fundo, a cidade subterrânea que a Matilde e os amigos haviam descoberto mesmo por baixo de Torres Altas, nunca mais tinham dado sinal de vida. Os testes e trabalhos de grupo sucediam-se e, aos fins de semana, a Matilde continuava a dar uma mão à tia Miranda, com as entregas da **Loja de Poções Pato-Fusco**. O tempo na cidade parecia fugir como areia por entre os dedos e as férias tinham chegado antes que desse por isso.

— Sou ciumento, sim — reclamou Álvaro Pato-Fusco, num tom brincalhão. — És a minha única filha. Já é suficiente ter de te partilhar com a minha irmã.

— Por falar nisso, a tia Miranda já chegou?

— Este ano a Miranda não pode vir ao Festival do Solstício — revelou o pai. — Disse-me que tem de resolver assuntos importantes em Torres Altas. Mas tenho uma surpresa para ti, acho que vais gostar.

Um homem parecido com o pai, embora mais alto, e sem óculos nem bigode, apareceu na moldura da porta de casa. A Matilde correu para ele de braços abertos.

— **Tio Beto!!!**





# 2

**Alberto Pato-Fusco** era o tio preferido da Matilde. Bem-humorado e aventureiro, nunca estava muito tempo no mesmo sítio e passava a vida a viajar pelos locais mais recônditos do mundo. Tinha sempre histórias passadas em terras exóticas e oferecia-lhe presentes extravagantes. Ficavam muitos meses sem se ver, mas o tio Beto fazia questão de enviar à sua única sobrinha **livros e postais ilustrados** dos sítios por onde passava.

— **Flamingo!** — exclamou, pegando nela e fazendo-a rodopiar no ar.

— Oh, tio! — respondeu a Matilde, fingindo-se ofendida com a brincadeira. — Já **não** sou uma criancinha!

— Vejam só! Já não precisas de mim para voar, é? — retorquiu o tio, indignado. — Isso é muito triste...

— Nada disso! É uma alegria! Olha bem para mim...

A pequena bruxa pegou na vassoura que tinha recebido por ocasião do seu décimo aniversário, subiu nos ares e fez uma ou duas **piruetas** antes de descer a pique e aterrar com elegância.

— Impressionante, Flamingo, muito **impressionante!** — elogiou o tio, orgulhoso.

A mãe da Matilde revirou os olhos e comentou:

— Isso, encoraja-a...

— Deixa lá a miúda fazer as suas **acrobacias** à vontade, Simone! — interrompeu a avó Ursula. — Também já tiveste a idade dela, lembras-te?

— Querida Úrsula, nem a cumprimentei, que distraído! — exclamou o tio Beto. — Como tem passado?

— Muito bem, obrigada. Este nosso cantinho é muito tranquilo e despreocupado — respondeu a avó, e, mudando de assunto abruptamente, perguntou: — Já estiveste com a Miranda?

— Ainda não. Vim diretamente para aqui, não queria perder o solstício em Vila Velha!

Os dois afastaram-se a conversar e a mãe lá arrastou a **relutante** bruxinha para a cozinha.

Onde quer que houvesse bruxas e magos, celebrava-se o solstício de inverno, a noite em que o Sol se punha mais cedo e nascia mais tarde.

Havia festejos nas Planícies do Sul, nas Escarpas do Oeste, nas Montanhas Rochosas do Leste, nas Florestas do Norte e até na cidade de Torres Altas. As tradições eram diferentes em cada território, mas em nenhum lado eram **mais famosas** do que em Vila Velha de Oliveira.

Por ser a povoação mais a norte, tinha a mais **prolongada** «noite mais longa do ano». Durante **três dias**, a população da pequena localidade mais do que **triplicava**, porque todos os habitantes recebiam em casa vários familiares, por muito afastados que fossem. As ruas, quase sempre cobertas de neve, enchiam-se de fogueiras e fogo de artifício mágico, música, dança e gargalhadas. Havia um mercado na praça central, com bancas a vender comida e bebida, e também pequenos objetos artesanais, joias místicas, ervas e poções. Ninguém regressava a casa antes do amanhecer.

Assim que acabaram de fritar os sonharocos, a Matilde e a mãe embrulharam uns quantos em papel pardo e juntaram-nos aos saquinhos que já tinham preparado com frutos secos, broas de grilo crocante, tigelinhas de compota e pequenas garrafas de xarope de pastilha elástica. A cada saco, a pequena bruxa adicionou um cartãozinho com flores secas coladas, feito à mão. Puseram todos os sacos num grande cesto e a Matilde foi a correr distribuí-los por amigos e família, antes que saíssem para a rua.

— Fred, vens? — perguntou. Mas o furaleão estava enrolado sobre si mesmo, no seu antigo lugar em frente à lareira, e fez-se logo **invisível**.

A confusão nas ruas já era muita, mas, felizmente, a prima Flavinia ainda estava em casa.

— Credo, como crescestes! — exclamou a redonda e extravagante senhora, beijando a Matilde na testa.

— Os ares de Torres Altas fizeram-te bem!

— Mas estava cheia de **saudades** — disse a Matilde enquanto enchia a boca de sonharocos quentinhos.

— Aqui tens umas coisinhas doces para levar para casa — disse a prima, estendendo-lhe um saco bem recheado. — Não comas tudo de uma vez, leva algumas para a cidade, para não te esqueceres de nós.

A Matilde guardou os embrulhos que a prima lhe tinha oferecido, e seguiu o seu caminho para casa do senhor Murilo. Bateu à porta, mas ninguém respondeu. Esperou um bocadinho. As ruas já estavam cheias de gente para cá e para lá e havia um cheiro doce no ar. As caras conhecidas, o carinho com que todos a tratavam, o sentimento de familiaridade, tudo isso a estava a deixar um bocadinho **nostálgica**, e por momentos desejou poder ficar invisível como o Fred e ver simplesmente a festa a acontecer.



De repente, distinguiu as vozes da avó Úrsula e do tio Beto, que, **embrenhados** na conversa, passavam por ela sem a ver. (Afinal, talvez tivesse ficado mesmo um pouco invisível...)

— Beto, pelas conversas que tive com a Matilde, sinto que as coisas em Torres Altas não estão assim tão **controladas** como dizes... — dizia a avó, com preocupação.

— Devem ter sido incidentes isolados, mas é de facto **preocupante** — concordou o tio. — Por isso é que vim a correr. Como disse, vou ficar uns tempos com a Miranda e a pequena.

— Isso deixa-me mais descansada, sim.

— Não acredito que isto seja da responsabilidade do Trio, mas nunca se sabe. A Miranda está a tratar do assunto.

— E o Alfredo? — perguntou a avó Úrsula.

Deviam estar a falar do tio Alfredo, outro dos irmãos do pai da Matilde.

— O Alfredo... Bom, **não sabemos** onde se meteu. A Miranda está preocupada porque ele andava a investigar tudo isto e não põe os pés em casa há uns dias.

— Beto, tens de o encontrar. É muito importante.

— Bem sei...

À medida que se afastavam, a Matilde ouvia cada vez pior, por isso decidiu segui-los. Aquela conversa estava a deixá-la muito curiosa. Mas nesse momento a porta do senhor Murilo abriu-se e o velhote exclamou:

— **Matildinha!** Como crescestes!

